



O testemunho das musas

Quase poesia: talvez abismo, de José Adriano Alves

Verônica Filíppovna*

Em meio a tempos turbulentos, quando tudo parece fora de ordem, quando tudo parece absurdo, quando uma confusão de palavras e sentidos ganha cada vez mais força, e o desencantamento com o mundo parece fato consumado, *Quase poesia: talvez abismo* (2018), quarto livro de poemas de José Adriano Alves, desperta nossa atenção para a necessidade de “ser inteiro em tudo o que se faz” (p. 89). Apesar das incertezas, dos alaridos e da sensação de que tudo grita “não”, é possível dizer “sim!” à vida.

De modo simples e direto, sem tendência a experimentalismos, *Quase poesia: talvez abismo* conduz o leitor à reflexão de que “a poesia não tem porquê. Ela é” (p. 19). A poesia, força plástica e vivificante, está em todos os lugares, embora raras vezes estejamos atentos para percebê-la na simplicidade da sua presença. Menos como arroubos, idílios, paixões, ações arbitrárias e desmedidas, e mais como clamor de plenitude e silêncio, a poesia, retomando as palavras de Adriano Alves, é o que “põe o dia pro infinito” (p. 43) e lança o homem – cada um de nós – rumo a um sentido.

Conciliando prosa e poema – resguardando a poesia na sua instância criativa –, Adriano Alves acolhe “a palavra herdada” (p.

* Doutora em Teoria da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

40) e, tal qual andarilho, “num vagar solitário” (p. 25), coloca-se na fronteira da linguagem, do mundo, na dimensão da própria existência. Para ele, “o mistério da vida está no inesperado” (p. 20). Ao integrar-se à poesia, prescindindo de conceitos, o poeta percebe que a realização concreta da vida – abraço de situações díspares, de realidades opostas, de caminhos que são ao mesmo tempo selvagens e tênues – “vale mais que uma ideia” (p. 89). Pois vida – um salto no abismo.

Sem colocar os sentidos à flor da pele, com uma linguagem límpida e ritmada, Adriano Alves aventura-se na “procura / do rito primevo” (p. 40), na medida em que arrisca um salto para dentro da própria vida, para dentro de uma vida possível de ser vivida. Todavia, aqueles que hesitam em dar o passo derradeiro abrem mão de se lançarem na experiência do salto. “O homem que viu o abismo / [...] viu ali o seu destino” (p. 55). E isso assusta.

Sobre a experiência do salto, lemos em um dos tercetos:

Salto no escuro

A isso dizemos poesia

A isso chamamos vida.

(p. 30)

A imagem do “salto” é questão tanto de poesia, quanto de vida. Questão de poesia na medida em que esta realiza uma experiência com o essencial, com a participação na dinâmica da realidade. E, também, questão de vida porque suscita um movimento contínuo de invenção. Em *Quase poesia: talvez abismo*, poesia e vida estão entrelaçadas; são criação e recriação, lugar de encontro, construção de sentido – que conduzem o homem à ação.

Apesar de “livre de contar sílabas e rimas, / o poeta escreve o verso inspirado” (p. 77). Escrever “o verso inspirado” não significa abrir mão do trabalho. Não se trata de fazer uma escolha: ou rigor, ou vigor. Ambos estão um no outro, um dentro do outro, em um mesmo gesto. Isso significa que a criação poética estabelece uma posição paradoxal: ao mesmo tempo que o poeta é tomado por um instante de descoberta e revelação, há a necessidade de trabalhar cada palavra, a cadência, o sentido poético como um todo.

Importante ressaltar a proximidade entre poesia e pensamento, que se desvela ao longo do livro, através de uma relação dialógica que não coloca como questão a natureza da poesia. Perguntar pela natureza da poesia é secundário, tardio, posterior à exclamação, ao fascínio, ao transbordamento e à plenitude vital que um aceno poético provoca e torna presentes, de modo implícito ou explícito, questões inerentes à condição humana. Porém, não se trata de especulações metafísicas, teorias abstratas, conceitos filosóficos, tom pesado ou jargões. Trata-se de um trabalho realizado com a trama da linguagem e com a sensibilidade de perceber que “uma nota compõe o silêncio” (p. 17) e se doa como possibilidade, como presença.

Falatórios e alaridos não participam da aventura poética de Adriano Alves com as palavras. Seus versos têm um canto transparente. Quanto mais silencia, mais centrado e concentrado na medida da poesia. E, em silêncio, o poeta – “diz como quem cala / o que não é percebido” (p. 56) – encontra o passo e o compasso da palavra, o movimento da vida diluída em poesia. Em seu próprio dizer:

Quanto mais me silencio,
mais o canto se faz forte.
E me ponho a pensar nesse abismo:

palavras desconhecidas.
Entre o escrito e o sacrifício,
canta a cigarra o seu ofício.

(p. 21)

Em *Quase poesia: talvez abismo*, há uma profusão de imagens: o relógio, o branco, a água, a confissão, a dor, o tempo, a espera. Vida e morte. Horizontes sedentos de epifanias. Essas imagens têm “o peso / que define bem a vida” (p. 57) e – sutilmente – fazem ressoar suaves gotas de melancolia misturadas à ironia. Outra característica é a ausência de erudição. Adriano Alves aposta no popular, no significado livre e concreto das palavras, no cotidiano, na vida que singra mares absolutos, infinitos.

Há de se chamar atenção também para a imagem mítica da musa, que se aproxima do poeta ordenando-lhe o canto. Um canto que fecunda a memória e pede para ser ouvido em quietude. Adriano Alves, “como cego sem o guia”, segue ao encontro com o “incerto que se anuncia” (p. 63) e, sem titubear, inicia sua navegação em mares de palavras plasmadas em poesia. É o que nos leva a pensar a última estrofe do poema “Musa”:

Vejo a folha e inscrevo teu nome, musa
feroz. Doando o coração pro livro
nesse sangue que escorre do tinteiro.

(p. 63)

Como podemos observar, trata-se de uma estrofe rica em imagens poéticas; entretanto, irei deter-me apenas em uma: o coração. Para o poeta, a poesia está no coração, e o sangue que circula

nas suas veias “escorre do tinteiro” do seu peito para as artérias do poema, doando uma pequena parte da sua vida. Nessa pequena parte – toda a vida. Coração é o que impulsiona o homem, é o que gera frenesi; desde o coração, elã vital, é que musa e poeta se harmonizam. Absurda é a musa de Adriano Alves.

Ao auscultar o coração, como “poeta no mundo” (p. 103), Adriano Alves acompanha o que a musa, em ritmos candentes, pontua. Ele se lança, em meio a sol a pino, em uma navegação de alto-mar, compreendendo a poesia como um “mundo dentro de outro mundo” (p. 18). Talvez pássaro solto, canto. Possivelmente destino.

Quase poesia: talvez abismo – prelúdio de um mundo no qual a poesia, amálgama de vida e pensamento, é o exercício mais profundo não só do poeta, mas também do próprio homem. Um livro que pede a seu leitor que penetre no “jardim deserto de uma casa sem enfeites” (p. 27). E, ao entrar nesse jardim, se deixe tomar silenciosamente por ele, pois o sentido da poesia só se realiza em plenos e vastos silêncios.